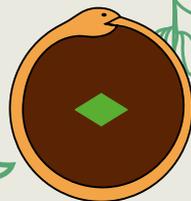
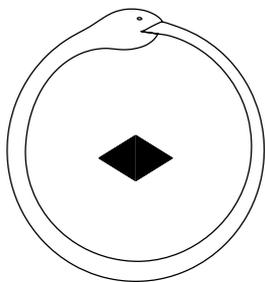


MANIFESTO DE UMA
ERVA "DANINHA"
Anai G. Vera Britos



cadernos
SELVAGEM



MANIFESTO DE UMA ERVA “DANINHA”

Anai G. Vera Britos

Este texto foi publicado pela primeira vez como parte do livro digital “Verdejar ante a ruína – escritos para cultivar novos mundos” que pode ser acessado [aqui](#).

As fotografias que ilustram o caderno são de Anai.

*Ervas tolhiças crescerão
Nos interstícios do ser
E o que foi música e sede de sarças
Há de ser pasto de águas...*

(MANOEL DE BARROS, “POESIAS”)

Eu, como erva urbana, membro do *Movimento Okupa Vegetal*, com digna rebeldia e como parte da floresta esquecida da cidade, venho trazer esse manifesto à humanidade como um grito político vegetal radical (que começa na raiz). Está na hora de vocês aguçarem os sentidos contra a *cegueira vegetal* e nos *verem* com um novo olhar.

Estou aqui para contar minha história, a minha e das que vieram antes de mim habitar a urbanidade. A família de onde venho é reconhecida como o *patinho feio* das narrativas botânicas, ou pior, o pesadelo dos fazendeiros monocultores ou dos arquitetos da selva de asfalto. Vocês nos chamam de ervas *daninhas*, ervas *invasoras*. Não me surpreende que vocês nos apelidem de forma negativa. É isso mesmo, não fazemos cerimônia de ocupar os espaços que vocês acham que é somente de vocês. Sei que nossa presença pode incomodar, irritar a tal sensibilidade estética humana [risos], mas é isso, bagunçamos os canteiros que vocês se esforçam para deixar estéreis, como um jardim francês. Coisa mais sem graça.

Eu e minhas parentas somos um grupo bastante diferente, cada uma com sua maneira de ser e habitar o mundo, seus próprios cheiros, tons de verde e combinações variadas de cores, raízes, flores e frutos de formatos e tamanhos diversos; temos também texturas, alturas e

dimensões variadíssimas. E nossas raízes, bom, elas se fincam também de diferentes formas. Não há mesmice entre os vegetais.

Nós, plantas *daninhas* (vou usar o apelido que vocês nos deram, acho até simpático), geralmente somos consideradas banais. Na cidade, somos plantas de má reputação, mas nossas parentas rurais, iguaizinhas a nós, recebem o bonito qualificativo “silvestre”. Além de nós ervas, aqui na urbe também estão as árvores. Grandes, tortas, frondosas e muito maiores do que nós, capturam toda a atenção humana. Desde as copas das árvores, quando conseguimos nos instalar lá no alto, é possível ver o mundo de cima. Plantas que ganham todos os cuidados humanos que uma planta poderia receber são as ornamentais. Mas confesso que a vida delas me gera revolta. As plantas de ornamentação geralmente vivem presas, cercadas, ou sem possibilidade de expressar livremente seus corpos continuamente mutilados. Nós, *Okupas Vegetais*, lutamos também pela autonomia delas e de todas as plantas!

Nós, apesar de sermos ervas citadinas, prezamos a liberdade, a coragem e o instinto selvático. Somos plantas desobedientes e temos a rebeldia à flor da epiderme. Amamos estar presentes nos espaços onde não nos querem. Somos uma ode à teimosia, um poema à impertinência. Somos um modelo de protesto; botamos raízes onde não somos bem-vindas, nos reproduzimos de forma indisciplinada¹. Cultivamos nossa vida na ambiguidade: somos fortes e frágeis, resistentes e vulneráveis².

Vocês pensam que como vegetais temos limitações, principalmente de deslocamento. É até ofensivo o termo que vocês usam para falar de humanos que não conseguem se mexer ou falar: estado vegetativo. Coisa mais absurda. Vocês estão enganados! Nós nos especializamos em viajar de formas às vezes inesperadas. Quando os humanos e animais migram, nós os utilizamos como carona de sementes, frutos ou mudas. Temos aprendido a deambular nas solas de sapatos, nos pêlos dos seus bichos de estimação e inclusive nas roupas de vocês. É isso mesmo! Tem ainda quem acredita que nos carrega acidentalmente, quando, na

1. O filósofo Michael Marder argumenta que a política espacial do movimento Occupy se ajusta amplamente à teoria do ser única das plantas e aponta para a possibilidade do surgimento de uma república planta-humana a partir dela. Ver Marder (2012).

2. Ver Lawrence (2019).

verdade, estamos há séculos nos especializando em formas de dispersão. Somos mestres na arte da *sedução*³, e não me refiro apenas às nossas flores, e sim às estratégias de atração que criamos para nos reproduzir e disseminar graças às borboletas, vespas, abelhas, besouros, beija-flores, morcegos, e mesmo vocês, humanos. É muito engraçado ver o quanto vocês gostam de ver dançar ao vento as sementes dos pompons branquinhos e aveludados das nossas parentas dente-de-leão. Também acho graça como vocês se incomodam quando as pega-pega grudam na roupa de vocês. Não fiquem bravos, mas vocês são os veículos dos carrapichos do capim, da grama-bermuda, do picão, e muitas outras parentas.

Ainda assim, nossa vida como ervas *daninhas* é uma batalha contínua. Temos que lutar para sobreviver e não sermos continuamente pisadas, arrancadas ou enterradas. Os humanos urbanóides nos consideram invasoras porque vivemos em locais onde não fomos chamadas. Somos o tipo de vegetal com uma disposição inata para estar sempre no lugar errado⁴. Mas vejam bem, antes desta região ser transformada em uma selva de concreto, era uma floresta. Éramos livres para habitar, se quiséssemos, grandes extensões de terra. Hoje temos que concorrer por uma superfície pequena para nos estabelecer e sobreviver. A gentrificação não afeta somente seres humanos, nós também sofremos pelo deslocamento forçado⁵. Para vocês habitarem esse espaço, ergueram prédios feitos de quadrados colossais de concreto, um por cima do outro. Coisa horrível essa geometria citadina toda paralela. Acho que, categoricamente, os habitantes das grandes cidades não gostam muito de terra, não. Urbanóides preferem ter uma pedra lisinha, lisinha, cobrindo toda a superfície para poder andar a pé ou com seus carros. O pavimento que cobre uma grande parte da terra reduz a quantidade

3. “Sedução” no sentido colocado pela antropóloga Joana Cabral de Oliveira (2019) na relação envolvida entre as mandiocas e as mulheres *Wajãpi*. Inspirada nos trabalhos de Thom Van Dooren e Michael Pollan, a autora comenta que as mulheres *Wajãpi* cultivam uma grande diversidade de mandiocas, porém muitas dessas não têm funções específicas, porém o apreço pela planta passa pelo seu potencial embriagador na forma de *kasiri* (bebida fermentada), o que constitui um ponto central no processo de sedução dos *Wajãpi* e o que faz que eles invistam massivamente na propagação e diversificação das mandiocas.

4. Ver Lawrence (2019).

5. E ntrevista à artista Ellie Irons, ver Sabin (2016).

de chão disponível para nós, e compacta o solo, impactando sua qualidade e permeabilidade.

Enfim... Digamos que não temos muitas opções além de sermos *okupas*. E sim, nossa vegetalidade espontânea é realmente surpreendente. Simplesmente conquistamos qualquer espaço vago com um mínimo de recursos disponíveis. *Okupamos* qualquer fenda no asfalto, calçada ou parede. Enraizamos em superfícies diminutas, adquirimos uma extraordinária capacidade de resiliência ao longo dos tempos, brotamos raízes em solos compactados, desmineralizados, e sobrevivemos com pouca água, pois só a chuva nos rega. Não somos cultivadas e subsistimos a qualquer custo.

Ganhar terreno é, contudo, uma tarefa árdua e depende do bairro. Você nos encontrará com maior facilidade e frequência nas avenidas, ruas, calçadas e construções abandonadas dos bairros mais humildes ou periféricos. É que nossa presença também é uma questão de estética humana (se é que podemos chamá-la assim) bem como uma questão de classe. Quer dizer, nós, ervas *daninhas*, também somos um indicador de classe social: “a quantidade e maturidade da vegetação espontânea é inversamente proporcional à prosperidade econômica”⁶ dos habitantes humanos. Raramente sobrevivemos nos bairros *chiques* da cidade, onde somos rapidamente removidas. Os bairros luxuosos, segundo dizem, devem ser de geografia e arquitetura quadriculadas e simétricas; portanto, temos acesso proibido. Os humanos que habitam esses bairros contratam outros humanos para atuarem como “policiais herbicidas”, que com armas afiadas e cortantes, nos arrancam violentamente, extirpando e decepando nossos corpos. Mas esquecem que nós somos sementes. Rebrotamos rebeldemente. Nunca daremos trégua à autoridade nem à repressão.

Mas... nem tudo é revolta, não. Nas cidades, nós plantas criamos mundos e constituímos lugares, ecossistemas, nichos... Minijardins quebrando o concreto. Pois é... Fazer mundos não é limitado apenas aos humanos⁷. E sabem? O nosso segredo está embaixo da superfície.

6. Deiter Rink (2009) apud Del Tredici (2014).

7. O biólogo e antropólogo Thiago Mota Cardoso, através de sua experiência com o povo Pataxó, explica que os denzezeiros (palmeira do dendê) também constroem mundos. Ver Cardoso (2017).

Nossas raízes estruturam o solo, e algumas de nossas parentas sabem nutrir a terra e permitem a instalação de outros vegetais. Nós e nossas outras camaradas plantas tornamos possível a vida de outros seres. Nesse emaranhado que geramos, convivemos íntima, afetuosa e colaborativamente com o pavimento, a chuva, a terra e os seres citadinos. Nós somos as “espécies companheiras”⁸ da floresta urbana!

Orgulhosamente formamos parte da “diversidade contaminada” readaptando e recondicionando ecossistemas perturbados pelos seres humanos⁹. As suas ruínas são nossos jardins¹⁰. É assim que as ruas e calçadas urbanas se transformam em mosaicos de pequenas florestas, impregnadas das histórias simbióticas¹¹ do concreto. Nós tecemos a malha de fios vitais, configuramos esse lugar onde vários acontecimentos e várias vidas se entrelaçam, porque extravasamos as superfícies que se formam ao nosso redor¹², sobretudo porque somos nós, as plantas, que produzimos oxigênio. É nossa vida vegetal o que permite o início de outras.

É, queridos, vocês aprenderiam muito se prestassem um pouquinho de atenção. Vocês admiram quem tem força, resistência, grande capacidade de adaptação e resiliência. Isso não é nada mais do que nosso estilo de vida. Vocês humanos estão muito condicionados a apenas um tipo

8. A bióloga, escritora e filósofa Donna Haraway coloca como exemplo aos cães como o modelo de “espécies companheiras”, para, por um lado, problematizar a noção de espécie, e questionar os projetos que constroem aos seres humanos como espécie, e; por outro lado, propôr a recusa das fronteiras que isolam a natureza da cultura. Ver Haraway (2003).

9. Considerando o nosso tempo do Antropoceno –a era do distúrbio humano–, a antropóloga Anna Tsing define a “diversidade contaminada” como “a adaptação colaborativa a ecossistemas perturbados pelo homem. Ela surge como detritos da destruição ambiental, conquista imperial, lucro, racismo e governo autoritário – e também devir criativo”. Ver Tsing (2012, p. 95).

10. Ver Tsing (2014, p. 87).

11. A simbiose se refere às relações ecológicas que estabelecem entre si organismos de diferentes espécies, como sendo o parasitismo, mutualismo e comensalismo.

12. Utilizando o exemplo de uma árvore qualquer, o antropólogo Tim Ingold se pergunta onde começa a árvore e onde começa o resto do mundo, para explicar que a árvore não é um objeto mais um “agregado de fios vitais”, o que ele entende por coisa. As coisas, então, seriam um “lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam”, sendo que elas “vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas”. Ver Ingold (2012, p. 28-29).

de existência¹³ e sentimento. Deveriam também conhecer sobre nossa destreza sensitiva, capacidade sensorial e alta sensibilidade. Sentimos, percebemos e respondemos ao ambiente. Não somos seres apáticos! Percebemos a luz do dia e da noite, as temperaturas das estações do ano, temos um sofisticado relógio interno capaz de antecipar eventos, como a saída do sol¹⁴. Nós plantas *sentimos*. Nossa sciência, assim como a dos animais, dos fungos e uma miríade de outros seres, simplesmente está longe de ser comparável ao fenômeno do sentimento humano. Somos “alquimistas da natureza”¹⁵. Nós utilizamos nossa própria química para alimentar-nos, mover-nos, proteger-nos e dispersar-nos. Aprendemos com nosso corpo por inteiro e guardamos com cuidado essas memórias, impressas às vezes como cicatrizes que podem contar muitas histórias. Talvez vocês poderiam cultivar um novo pensamento, uma educação da atenção¹⁶, e assim, quem sabe, poderão criar um relato distinto sobre o que nós plantas sabemos, sentimos e fazemos.

No entanto, existe quem há milênios reconhece a nossa importância, a interdependência e os íntimos vínculos entre humanos e plantas. Ainda há detentores dessa sabedoria, e outros têm se esforçado para alcançá-la e criar alianças conosco, demonstrando algum reconhecimento ou gratidão. Há artistas, agricultores, camponeses, camponeses, escritores, cientistas e outros humanos que buscam aguçar os sentidos e conseguem nos enxergar sem nos desqualificar por sermos diferentes e nos valoram por ser quem somos.

Por último, gostaria de esclarecer que não venho aqui pedir que nós ervas *daninhas* formemos parte da sua celebração seletiva, assim como vocês fazem com as plantas úteis e ornamentais. A hora de que vocês compreendam que as relações entre diversas espécies, entre todos nós habitantes desse mundo, são fundamentais para o desenvolvimento de todas as formas de vida, essa hora, se ainda não acabou, está quase

13. Ver Krenak (2019, p. 29).

14. Ver Myers (2015, p. 44).

15. A partir de estudos biológicos, o escritor e jornalista Michael Pollan denomina as plantas como “alquimistas da natureza”, porque são especialistas em transformar água, o solo e a luz solar em uma série de substâncias preciosas, muito além da capacidade humanas de conceber e ainda menos de fabricar (ver Pollan, 2003, p. xix).

16. Ver Ingold, 2010.

acabando¹⁷. É o aviso que a Terra - a mãe de todos nós - lhes está dando, mas vocês se recusam a ver e ouvir. Para vocês humanos já é muito tarde. O mundo para vocês está fadado ao fim. Há muita vida além das vidas humanas e vocês não fazem falta alguma na biodiversidade¹⁸. Eu vim aqui semear estas palavras, tentando “abrir uma brecha nessa muralha de ignorância, de negação”¹⁹, com uma pretensão de última tentativa de demonstrar que na cidade, e em qualquer parte do mundo, a vida vegetal – qualquer vida vegetal – é importante²⁰.

Deixo aqui esse manifesto-semente de erva daninha para reflorestar o pensamento.

Por nós plantas urbanas. Por todas as vegetalidades do mundo.



17. Ver Cabral de Oliveira (2019, p. 85).

18. Ver Krenak (2020, p. 44).

19. Ver entrevista com Ailton Krenak, por Pedro Cesarino (2016, p. 170).

20. Palavras (sutilmente modificadas) da eco-artista Ellie Irons em uma entrevista sobre sua exposição sobre ervas daninhas, intitulada “Sanctuary for Weedy Species” (Santuário das ervas daninhas), realizada em 2016 na Gallery at Industry City, em Brooklyn, NY, EUA. Entrevista por Dyani Sabin no jornal Science Line. Ver Sabin (2016).



BIBLIOGRAFIA

CABRAL DE OLIVEIRA, JOANA. 2019. “A sedução das mandiocas”. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia (Orgs.). O uso de plantas psicoativas nas Américas. Rio de Janeiro: Gramma/NEIP.

CARDOSO, THIAGO MOTA. 2017. “A vida multiespécie dos ferals dendezeiros”. Medium, 24 de outubro de 2017. Disponível em: https://medium.com/@antropo_cenas/a-vida-multiesp%C3%A9cie-dos-ferals-dendezeiros-7539a515f24f

[Acesso: 04/01/2018]

DEL TREDICI, Peter. 2014. “The Flora of the Future”. Places Journal, Abril 2014. Disponível em: <https://placesjournal.org/article/the-flora-of-the-future/?cn-reloaded=1>

[Acesso: 27/07/2020]

HARAWAY, DONNA. 2003. The Companion Species Manifesto: Dogs People and Significant Otherness. Chicago: Prickly Paradigm Press.

INGOLD, TIM. 2010. “Da transmissão de representações à educação da atenção”. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25.

INGOLD, TIM. 2012. “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”. Horizontes Antropológicos. 18(37):25-44.

KRENAK, AILTON. 2016. “As alianças afetivas”. [Entrevista concedida a] Pedro Cesarino. In: 32º Bienal de São Paulo; VOLZ, Jochen & RJEILLE, Isabella (org.). Incerteza viva: dias de estudo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo. p. 168-195.

KRENAK, AILTON. 2019. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras.

KRENAK, AILTON. 2020. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.

LAWRENCE, ANNA. 2019. "To Be A Weed". *The Ethnobotanical Assembly*. Issue 4, autumn 2019. Disponível em: <https://www.tea-assembly.com/issues/2019/9/29/to-be-a-weed>

[Acesso: 31/05/2020]

MARDER, MICHAEL. 2012. "Resist like a Plant! On the Vegetal Life of Political Movements". *Peace Studies Journal*, 5(1):24-32.

MYERS, NATASHA. 2015. "Conversations on Plant Sensing: Notes From the Field". *NatureCulture*. 3:35-66.

POLLAN, MICHAEL. 2003. *The Botany of Desire*. Nova York: Bloomsbury.

SABIN, DYANI. 2016. "For the love of immigrant weeds. Eco-artist Ellie Irons finds beauty in Brooklyn". *Science Line*. New York, 17 de janeiro de 2016, Life Science. Disponível em: <https://scienceline.org/2016/01/for-the-love-of-immigrant-weeds/>

[Acesso: 27/07/2020]

TSING, ANNA. 2012. "Contaminated Diversity in 'Slow Disturbance': Potential Collaborators for a Liveable Earth". In: Martin, Gary; Mincyte, Diana; & Münster, Ursula. "Why Do We Value Diversity? Biocultural Diversity in a Global Context". *RCC Perspectives*. 9:95-97.

TSING, ANNA. 2014. "Blasted landscapes (and the gentle arts of mushroom picking)". In: Kirksey, E (ed.). *The multispecies salon*. Duke University Press, p. 87-109.

ANAI G. VERA BRITOS

É paraguaia e mora no Brasil. Estudou Biologia na UFMS, mas mudou de profissão ao virar mestra em Antropologia pela UFSC. Atualmente é doutoranda em Antropologia Social pela USP. Pesquisa sobre a etnologia guarani e outros povos das terras baixas sul-americanas. No Selvagem, contribui como enlaçadora e tradutora de mundos.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Victoria Mouawad e a editoração de Isabelle Passos.

Mais informações em selvagemciclo.com.br